

O CAIPIRA DO OESTE PAULISTA: UMA LEITURA SOBRE A POPULAÇÃO QUE AINDA ESTÁ NO CAMPO

Carla Julião da Silva

Graduanda - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília
Rua Gabriel Lopes Palomo, 241, Marília (SP)
(14) 9185-2888

carla_juliaosilva@hotmail.com.

Resumo: A passagem do século XIX para o XX inaugurou um novo olhar, especificamente no Brasil, de intelectuais na construção de uma identidade brasileira, pautados na ideia da necessidade do progresso, que se via, naquele período, como inevitável para o futuro de qualquer nação. Com a preocupação destes intelectuais em acertar o passo para o desenvolvimento do Brasil, o campo tinha papel fundamental na economia brasileira; conseqüentemente, os camponeses passaram a ser componentes centrais das discussões, tanto da elite cafeeira, quanto dos *caipiras*. O conceito mais conhecido sobre o *caipira* é colocado pelo autor Monteiro Lobato com o personagem do Jeca Tatu: na sua obra “Urupês” possibilitou uma criação distorcida do significado verdadeiro do que vem a ser o caipira, tanto pela estética quanto pela linguagem. Com o objetivo de compreender o modo de viver rural na atualidade, mais especificamente dos moradores que ainda continuam no campo, conhecidos como *caipiras*, foi feito estudo descritivo e qualitativo fundamentado na linha da Antropologia rural na área das Ciências Sociais, com foco na área rural das cidades do interior de São Paulo, mais especificamente Frutal do Campo, distrito de Candido Mota (SP).

Palavras-chave: Modernidade, tradição e modo de vida, caipira.

Introdução

A modernidade pode ser compreendida como uma ruptura com o pensamento medieval e sendo assim materializado principalmente pela Revolução Industrial com a entrada do capitalismo no modo de vida da população expandindo-se pelo mundo a partir do século XIX. A tradição, nesse sentido, vem para demonstrar que, é pela prática histórica que as vivências humanas se transformam, e ruptura, nesse sentido, não quer dizer abandono do passado, mas sim uma construção a partir do passado, que tem significados determinados, um ato contínuo validado pela transmissão cultural.

Segundo Cláudia Maria Bernava (2001), a passagem do século XIX para o XX inaugurou um novo olhar, especificamente no Brasil, de intelectuais na construção de uma identidade brasileira, pautados na ideia da necessidade do progresso, que naquele período como inevitável para o futuro de qualquer nação. Com a preocupação destes intelectuais em acertar o passo para o desenvolvimento do Brasil, o campo tinha papel fundamental na economia brasileira com outros significados que não os de atualmente, conseqüentemente, os camponeses passaram a ser componentes os atores centrais das discussões, tanto da elite cafeeira, quanto dos *caipiras*.

No Brasil, Aluizio Alves Filho afirma que o conceito mais conhecido sobre o *caipira* é colocado pelo autor Monteiro Lobato com o personagem do Jeca Tatu na sua obra “Urupês” o que possibilitou uma criação distorcida do significado do que vem a ser o

caipira, tanto pela estética pela linguagem. A história do Jeca Tatu tem um envolvimento com a história de vida de Monteiro Lobato, este autor herda do avô a fazenda Buquira, no Vale do Paraíba (SP), tornando-se fazendeiro, e também um conflito entre os empregados e o patrão. A figura desqualificada do caipira, o caipira caboclo como modelo do caipira, considerando-o preguiçoso para promover melhorias no seu modo de vida, o que fica claro em seus escritos. Contudo, Monteiro Lobato tenta nas obras subsequentes mudar sua visão sobre o caipira preguiçoso transformando-o em exemplo a ser seguido com o personagem Jeca Tatuzinho, que informa crianças sobre noções de higiene e saneamento básico¹.

Outra autora que trata do tema, Bernava (2001) que trabalha enfatizando a ideade *mamelucos* pontuando que devido a um cruzamento étnico-cultural entre europeus e índios resultou-se no nascimento dos *mamelucos*, união entre o colonizadores e índias, o que dava o direito do senhor sobre a escrava. Sobre essa discussão introduzida Bernava, Enid Yatsuda discorre que:

Um dos suportes para assegurar o funcionamento do sistema colonialista, isto é, submissão do colonizado – passada a fase do emprego da força -, é a fabricação e difusão da ideologia do colonialismo. Basicamente, o conteúdo expressa a superioridade do colonizador: é dinâmico, sensato, trabalhador, verdadeiramente cristão, participa de uma civilização superior, e seu meio de expressão, sua linguagem, é instrumento de elaboração de alta literatura. Por oposição, o colonizado é marcado negativamente, através de um mecanismo diabolicamente simples: o que é atribuído cultural, o colonizador transforma em elemento essencial. Assim o nativo torna-se, por *natureza*, um indivíduo preguiçoso, indolente, incapaz, idiotizado, sujo, violento, usando um falar rude que não pode exprimir com precisão conhecimentos mais refinados e sentimentos mais nobres. Yatsuda (In BOSI, 1992, p. 104)

Antonio Candido salienta sobre o tema:

[...] do caipira proprietário (*branco*), vinculado à sociabilidade vicinal, distinguindo-se do *caboclo*, de origem predominantemente indígena e, segundo sua descrição, tendendo ao que se poderia chamar o parasitismo social e a anomia. (CANDIDO, 2010, p. 96)

Antonio Candido (2010) cita Cornélio Pires (1921) quando este discute conceitos apresentados em seus livros, descrevendo o “caipira branco”, o “caipira preto” e o “caipira mulato” como sendo a forma mais correta de elaborar os significados levando em conta os diversos tipos étnicos da cultura rústica paulista, processo chamado por Antonio Candido de *acaipiramento* como parte de um grupo homogêneo.

Uma das preocupações fundamentais deste período de 1923 a 1950, foi o de abrir estradas, que facilitou o trajeto do município com outras cidades. Entre 1948 e 1949 construíram-se estradas carroçáveis, o que facilitou ainda mais a locomoção. Em 1951 já havia linhas de ônibus ligando Cândido Mota ao Estado do Paraná, e cidades paulistas

¹ Sobre este assunto foi consultado o site <http://www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu_rb.htm>, acessado em 12 de junho de 2013.

como Florínea e Assis, sendo que em 1966 foram criadas mais quatro linhas internas de tráfego para os distritos de Frutal do Campo, Porto Galvão e Taquaruçu. A modernização do abastecimento de São Paulo dependia das grandes lavouras de café do Oeste Paulista, segundo o texto de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973):

A modernização do abastecimento da cidade de São Paulo se fez concomitantemente com o loteamento das grandes fazendas de café do Oeste Paulista, iniciado em fins do século XIX, que, depois de ter progredido mais ou menos lentamente, subitamente se intensificou de maneira acelerada a partir de 1929-30, com resultado da crise de então. Coincidem estas datas com o momento em que os sítiantes do Sertão de Itapecerica se tornam carvoeiros, abandonando assim a venda de seus produtos na cidade, e com o surto de industrialização desta. Os lotes do Oeste Paulista, comprados por colonos italianos que possuíam alguma economia e tinham noções de agricultura comercial, estavam localizados próximos as estradas de ferro; foi possível assim desenvolver uma agricultura comercial diversa das dos sítiantes tradicionais, mais moderna e melhor integrada dentro da organização capitalista. (QUEIROZ. In: SZMRECSÁNYI, QUEDA, 1973, p. 207).

Água Taquarussuzinho, Água Taquaruçu, Água do fogo

Na área rural do distrito de Frutal do Campo, nas décadas de 1970 e 1980, pessoas da região e de outras cidades que chegavam para trabalhar na lavoura de café, passaram a morar em colônias nesses bairros², um local onde predominava grande parte de mata virgem, na qual foi preciso desmatar para que pudesse dar início a plantações de café, feitas manualmente, pois não havia equipamentos. Em 1975, ocorreu uma forte geada que destruiu grande parte das lavouras de café na região paulista e paranaense³. Com o prejuízo, os agricultores resolveram torrar o que restou da plantação. Entretanto, no mesmo período chega à região novas agriculturas, com forte incentivo à produção de milho e soja, juntamente com os equipamentos novos que não necessitava mais de empregados. Devido a esta geada e a chegada de novas agriculturas, a população que morava nas colônias optou em procurar empregos em indústrias nas cidades vizinhas e nas capitais.

Com estas mudanças ocorridas, foi incentivado o plantio de milho, cultura que é plantada somente no verão, e a utilização do monjolo (instrumento que produzia que a farinha de milho amarela e branca), para tal produção, todos os membros de uma família trabalhavam. A política do mutirão, foi à tentativa das famílias de fazer trocas de serviços para ajudar outras famílias, significou uma forma de ajudar aqueles que ainda se encontravam na região, mas que por toda a mudança ocorrida não conseguiam dar conta de produzir sozinhos. Sobre este ponto, Antonio Candido acentua:

Na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o *mutirão*, cuja origem tem sido objeto de discussões. Qualquer que seja, todavia, é prática tradicional. [...] As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. (CANDIDO, 2010, p. 81).

Algumas comunidades rurais se isolaram, e de certa forma são auto-suficientes, na medida que seus produtos ficaram sem mercado consumidor, na falta de capital, a organização do trabalho se baseia na solidariedade vicinal (DUHRAN, 1973). Parte dos moradores destes bairros deixaram o campo e foram morar na cidade, construíram casas em Frutal do Campo para trabalhar na Usina Nova America⁴.

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar e compreender o modo de viver rural na atualidade, mais especificamente dos moradores que ainda continuam no campo,

² Para SHIRLEY (1977) o termo “bairro” está de acordo com a localidade em que se encontram as casas dos sitiantes.

³ <http://acervo.folha.com.br/fsp/1975/07/21/2//4402658> acessado em 07, mai de 2013.
<http://acervo.folha.com.br/fsp/1975/07/21/2/> acessado em 07, mai de 2013.

⁴ Usina Nova América é uma empresa que atua na região de Tarumã (SP) abrangendo as cidades de Assis e Candido Mota na fabricação de açúcar e outros produtos derivados da cana-de-açúcar. <http://www.novamerica.com.br/conquistas> acessado em 25 de maio de 2013.

conhecidos como *caipiras*, e as suas possíveis transferências tanto para as capitais quanto para as pequenas cidades ao redor das propriedades rurais. Buscamos com essa pesquisa discutir modernidade e tradição paralelamente com a globalização e o localismo dessas populações, tendo a figura do *caipira* como foco, seu modo de vida e aspectos culturais rurais.

Este estudo se baseia nas possíveis investigações que serão feitas, tendo em vista a compreensão da permanência de famílias ainda na zona rural mesmo diante de mudanças na vida social e econômica brasileira que permeia o modo de vida, subsistência no campo e as intenções para com o futuro dos membros família, juntamente com a forte tradição da cultura caipira no interior de São Paulo. A definição do problema foi primeiramente escolhida quando Antonio Candido discorre que a cultura caipira não foi feita para o progresso, segundo ele:

A cultura caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: sua mudança é o seu fim, porque esta baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade impressionante, uma sobrevivência das formas essenciais, sob as transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – o caipira deixou de o ser. (CANDIDO, 2010, p. 97)

As observações e a contribuição de Candido sobre o município de Bofete, nos anos de 1948 e 1954, nos permite fazer uma leitura sobre as condições do campo no ano de 2013, quais são as condições e possíveis mudanças de quem ainda mora no campo e os incentivos desta permanência.

Esta pesquisa vai refletir o processo imagem do *caipira* no interior paulista e como se dão as relações sociais sobre o ponto de vista de quem está no campo que optou em ficar mesmo com a grande influência de amigos e familiares que vivem na cidade. Entender o comportamento da sociedade nesta questão, destacando os momentos essenciais que proporcionam a continuidade do desenvolvimento da vida social no interior paulista dentro da dicotomia campo/cidade, permite obter uma abordagem histórica e antropológica para discutir qual é o sentido dessa raiz caipira na vida dos indivíduos, acentuando elementos para se pensar na construção do termo “homem do campo”.

Matérias e Métodos

Neste estudo iremos focar cidades do interior de São Paulo, mais específico Frutal do Campo distrito de Candido Mota (SP) com o intuito de fazer uma etnografia da população que ainda consegue permanecer nas pequenas áreas rurais, como vivem no campo nos dias atuais, desnaturalizar algo que é retificado, buscando analisar tanto o cotidiano rural, modo de vir e ser *caipira*.

As leituras das obras escolhidas possibilitarão a composição de um referencial teórico com o qual será possível obter subsídios para um maior entendimento e compreensão mais detalhada do ambiente no qual se realizará a pesquisa. Serão realizadas

entrevistas orais e gravadas, com o intuito de compreender os motivos de algumas famílias permanecerem ainda na zona rural, e as possíveis transformações das tradições que ocorrem com as mudanças no meio rural.

Resultados e discussões

Essa pesquisa ainda está em andamento e vai refletir o processo da imagem do *caipira* no interior paulista e como acontecem as relações sociais sobre o ponto de vista de quem está no campo e que optou em permanecer nesse espaço, mesmo com a grande influência de amigos e familiares que vivem na cidade. Entender o comportamento da sociedade (isso é muito difícil) nesta questão, destacando os momentos essenciais que proporcionam a continuidade do desenvolvimento da vida social no interior paulista dentro da dicotomia campo/cidade, permitindo obter uma abordagem histórica e antropológica para discutir qual é o sentido dessa raiz caipira na vida dos indivíduos, acentuando elementos para se pensar na construção do termo “homem do campo”.

Referências

BERNAVA, Claudia Maria. **“Caipiras... mas quem são os caipiras?” Cornélio Pires e a representação dos “verdadeiros paulistas” (1910-1930)**. Dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós- graduação UNESP- Assis. Dezembro, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo, 2010.

DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MEIRA, Elinaldo da Silva. **Cordas do Panema: aspectos históricos-literários sobre o universo da poesia caipira em Assis / SP**. Tese de Mestrado. Assis: [s.n.], 2001.

MENEZES, Cláudia. **A mudança: análise da ideologia de um grupo de imigrantes**. Rio de Janeiro, Imago; Brasília, INL, 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do rural e do urbano no Brasil. QUEDA, Oriowaldo, SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). **Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1973.

SHIRLEY, Robert W. **O fim de uma tradição**. São Paulo: Perspectiva. São Paulo, 1977.

YATSUDA, Enid. “O caipira e os outros”. BOSI, Alfredo (org). **Cultura Brasileira. Temas e situações**. Editora Ática S.A. São Paulo, 1992.